

Perfil do Emprego nos Setores Açucareiro e Petrolífero do Norte-Fluminense no Período 1970-2010

Job Profile of the Sugar and Oil Sectors in the Northern Rio de Janeiro State from 1970 to 2010

Perfil del Empleo en los Sectores Azucarero y Petrolero en el Norte del Estado de Rio de Janeiro - 1970-2010

Rosélia Piquet*, Érica Tavares** e João Monteiro Pessoa***

RESUMO

Os objetivos deste texto são discutir as mudanças no emprego nos setores açucareiro e petrolífero na região Norte-Fluminense, caracterizar seus trabalhadores e identificar o momento da inflexão quanto à oferta de emprego nesses setores. A metodologia consiste em uma análise de dados secundários dos Censos Demográficos do IBGE (1970-2010) e de outras fontes. Observa-se que a qualificação profissional foi o ponto central de distanciamento entre os setores, mas a localização das novas instalações industriais também alterou a distribuição das potencialidades regionais. Os efeitos da indústria petrolífera não se limitaram às novas oportunidades de trabalho, mas contribuíram para a expansão de serviços em outras atividades, assim como na dos setores educacional e da saúde, em função da demanda derivada dos altos salários pagos pela indústria petrolífera. Notam-se sinais evidentes de que a região, de fato, mudou ao longo desses 40 anos e que ressurge, das cinzas dos canaviais, para um perfil de região inserida no mercado nacional e mesmo internacional.

Palavras-chave: Emprego. Setor açucareiro. Indústria petrolífera. Mercado de trabalho. Norte-Fluminense.

ABSTRACT

This article discusses changes observed in jobs of the sugar and oil industries in northern State of Rio de Janeiro and describes their labor profile. It also identifies the point of inflection for job offer between those sectors. The methodology consists in analyzing secondary data from 1970-2010 demographic censuses collected by the Brazilian Institute for Geography

* Economista, Doutora em Teoria Econômica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. Atualmente é coordenadora do Programa de Mestrado e Doutorado em Planejamento Regional e Gestão de Cidades da Universidade Cândido Mendes, e pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: ropiquet@terra.com.br

** Socióloga, Doutora em Planejamento Urbano e Regional pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. Atualmente, é Professora Adjunta no Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal Fluminense. E-mail: ericatavs@hotmail.com

*** Bacharelado e Licenciatura em História, Mestrando em Planejamento Regional e Gestão da Cidade na Universidade Cândido Mendes-Campos, Campos dos Goitacazes, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: joao.pessoa@iff.edu.br

Artigo recebido em novembro/2016 e aceito para publicação em abril/2017.

and Statistics (IBGE) and other sources. It can be noticed that professional qualification was a central point between both sectors, and that the location of new industrial facilities also changed the distribution of regional potentialities. The effects of the oil industry were not restricted to job opportunities, but they also contributed to the expansion of services in other activities, including educational and health sectors, a demand resulting from its high salaries. Clear signs that the region has really changed over those 40 years are noticed; it re-emerges from sugarcane plantations to a regional profile inserted in the national and international markets.

Keywords: Job. Sugar Sector. Oil Industry. Labor Market. Northern State of Rio de Janeiro.

RESUMEN

Este texto presenta como objetivos discutir las mudanzas en el empleo en los sectores azucarero y petrolero en el norte del estado de Rio de Janeiro; caracterizar sus trabajadores e identificar el punto de inflexión en cuanto a la oferta de trabajo en esos sectores. La metodología consiste en analizar datos secundarios de los Censos Demográficos del Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (1970-2010) y de otras fuentes. Se observa que la cualificación profesional fue el punto central de distanciamiento entre los sectores. Sin embargo, la localización de las nuevas instalaciones industriales también alteró la distribución de las capacidades regionales. Los efectos de la industria petrolera no se limitaron a las nuevas oportunidades de trabajo; también contribuyeron a la expansión de los servicios en otras actividades, así como también en la de los sectores de educación y de salud, en función de la demanda derivada de los altos salarios pagados por la industria petrolera. Se notan señales evidentes de que la región realmente cambió a lo largo de esos 40 años y que resurge de las cenizas de los cañaverales hacia un perfil de región inserida en el mercado nacional o bien en el internacional.

Palabras clave: Empleo. Sector azucarero. Industria petrolera. Mercado de trabajo. Norte de Rio de Janeiro.

INTRODUÇÃO

A história econômica e social do Norte-Fluminense, até meados do século XX, foi marcada por seu passado de grande produtor de cana-de-açúcar, associado, entretanto, a elevados índices de emprego precário e indigência. Mesmo agora, no tempo do petróleo e dos *royalties*, figura no cenário nacional com elevados índices de pobreza e baixos indicadores de renda, saúde e educação.

Os estudiosos da região tentam responder às razões da permanência de um desempenho tão aquém do que se poderia esperar de uma região que, há cerca de 40 anos, teria, aparentemente, condições favoráveis à reversão dessa tendência, por ter-se tornado o principal polo produtor de petróleo e gás do País. Naturalmente, os ângulos pesquisados e analisados são numerosos, não sendo propósito do presente artigo realizar uma resenha de todos esses estudos. Intenta-se tão somente apresentar e discutir o perfil do emprego nesses dois setores que, ao longo da história, vêm definindo o comportamento econômico da região.

Assim, os objetivos deste texto são: i) analisar as mudanças ocorridas nos dois principais setores de atividade que marcaram os ciclos econômicos na região Norte-Fluminense, nas últimas décadas; ii) verificar as condições e o momento da inflexão entre os setores açucareiro e petrolífero, considerando-os separadamente, nas microrregiões de Campos¹ e Macaé; e iii) caracterizá-los quanto aos diferenciais de escolaridade e renda.

Como um dos objetivos deste trabalho é sintetizar e demonstrar a evolução desses setores de atividade, buscou-se identificar qual foi o momento de inflexão de um setor e o advento do outro, e em qual das microrregiões, polarizadas pelos municípios de Campos dos Goytacazes e Macaé, essas mudanças foram mais significativas. Essas perguntas são importantes para compreender as transformações históricas no desenvolvimento regional e as desigualdades socioeconômicas presentes no território regional atual.

A metodologia para a reflexão desenvolvida neste texto trabalha com a análise de dados secundários e a fonte das informações provém dos Censos Demográficos realizados pelo IBGE, entre 1970 e 2010. Como se trabalha com variáveis relacionadas ao mercado de trabalho, ocupação e setores de atividade, vale ressaltar que a comparabilidade entre os censos não é evidente. Para tanto, o esforço metodológico concentrou-se na análise das diferentes classificações econômicas utilizadas nos censos². O setor açucareiro engloba atividades ligadas ao cultivo da cana-de-açúcar e à fabricação e ao refino do açúcar³. O setor petrolífero envolve as atividades de extração de petróleo e gás natural e serviços relacionados, e, ainda, a fabricação de produtos derivados do petróleo.

¹ A microrregião de Campos é formada por: Campos dos Goytacazes, Cardoso Moreira, São Francisco de Itabapoana, São Fidélis e São João da Barra. A microrregião de Macaé é formada por Macaé, Carapebus, Conceição de Macabu e Quissamã.

² Para os setores aqui considerados, as diferenças não comprometem a confiabilidade dos dados apresentados.

³ A atividade ligada à fabricação e refino do açúcar está discriminada separadamente apenas nos censos de 2000 e 2010. Não foi possível captar, na lista dos setores, apenas aqueles que trabalhavam em usinas, e não no cultivo. Então, o dado do setor açucareiro envolve o trabalho na agricultura.

Para apreender a evolução destes setores de atividade e garantir um nível de comparabilidade e confiabilidade, os dados secundários foram analisados a partir da distribuição da população ocupada nos respectivos setores ao longo do tempo, desde as últimas décadas do século XX até a primeira década do século XXI. A opção por trabalhar com a população ocupada também se deveu à dificuldade de se obterem dados comparáveis, nos setores de atividade econômica, relacionados aos estabelecimentos e produção, por exemplo. O recorte territorial utilizado considera o Norte-Fluminense segundo as microrregiões polarizadas pelos municípios de Campos dos Goytacazes e Macaé, que serão referidas, de forma sintética, como microrregião (ou região) de Campos ou de Macaé.

O setor açucareiro sempre é mencionado em qualquer revisão histórica sobre a região Norte-Fluminense, sobretudo quando se trata de sua dinâmica econômica (SANT'ANNA, 1984; CRUZ, 2006; FARIAS, 2003; PIQUET, 2010).

Apesar do já reconhecido peso do cultivo da cana-de-açúcar e da indústria açucareira na região, é importante mensurar e qualificar qual era a dimensão da empregabilidade desse setor nos anos 1970, período em que o açúcar ainda era considerado o setor primordial da economia norte-fluminense. Justifica-se a escolha de trabalhar a partir dessa época devido às mudanças econômicas e sociais ocorridas desde a década de 1970, não apenas nessa região, mas também no Brasil. Entre elas, o aprofundamento do processo de urbanização, a diminuição da participação dos setores agropecuários na economia, os processos de desconcentração territorial econômica, o esgotamento do modelo de substituição de importações e a subsequente crise dos anos 1980, entre outros.

1 AS MUDANÇAS NA REGIÃO

A ocupação da região Norte-Fluminense, no eixo Campos-Macaé, objeto deste artigo, ocorreu de forma relativamente tardia em relação a outras regiões, tanto na própria Capitania de São Tomé quanto em outras (LAMEGO, 1945; RODRIGUES, 1988; FEYDIT, 2004; SILVA, 2004).

Até meados do século XVIII, o perfil econômico da região permaneceu fundamentalmente ligado à produção de subsistência, sendo a pecuária a atividade dominante e precursora na integração desta região aos circuitos internos de produção (LENHARO, 1992). Cabe indicar que a cana-de-açúcar já estava presente desde o início da ocupação da região, embora ainda fosse uma atividade pouco importante para a economia, pois era produzida em pequena escala e direcionada ao consumo local (LAMEGO, 1945; SILVA, 2004; FEYDIT, 2004; RODRIGUES, 1988).

O grande salto na produção açucareira ocorreu a partir da segunda metade do século XVIII, quando o número de engenhos e “engenhocas” passou de 55, em 1750, para aproximadamente 400 unidades produtoras no início do século XIX, sendo que, em 1828, já eram mais de 700 unidades (CARLI, 1942). O crescimento da indústria açucareira continuou ao longo do século XIX, primeiro com o estabelecimento dos

engenhos a vapor e, posteriormente, com o das usinas. Eram elas grandes unidades mecanizadas que passaram a concentrar o processamento da cana, antes disperso entre centenas de pequenos engenhos independentes. Com o avanço técnico, a escala e o volume de produção cresceram significativamente.

Essa mudança na organização econômica produziu transformações sociais de longa duração histórica, cujos efeitos são, em certa medida, sentidos até hoje. Na sua fase inicial, baseada na pecuária, a economia regional tinha um perfil diferente, predominando pequenas e médias propriedades, onde prevalecia o trabalho livre.

A afirmação da cana como atividade dominante alterou esse perfil e fortaleceu o escravismo, que, progressivamente, foi-se tornando a relação de trabalho típica da região. Ainda no final do século XVIII, Campos contava com 12 mil escravos envolvidos na lavoura e beneficiamento da cana-de-açúcar, o que representava metade de sua população total. Em 1880 existiam 32 mil escravos registrados, numa população de 83 mil pessoas. Considerando os não registrados, é possível supor que, aproximadamente, metade da população fosse composta por escravos. Entretanto, o perfil de pequenas e médias propriedades se manteve relativamente inalterado, sendo a região de Campos um caso único na indústria canavieira em todo o mundo, onde as grandes lavouras conviveram com pequenas e médias unidades (CARLI, 1942; LAMEGO, 1945; SILVA, 2004).

O principal legado histórico dessa hegemonia do setor açucareiro foi a consolidação de uma cultura profundamente influenciada pelas relações sociais de produção escravistas. Assim, o Norte-Fluminense tornou-se fortemente marcado pelas características desse modo de produção, tais como o baixo índice de produtividade da mão de obra e o pequeno apelo à inovação técnica. Porém, a maior e mais importante influência do passado colonial se verificou no uso sistemático da violência como forma de resolução de conflitos e como mecanismo de controle social da classe trabalhadora (NEVES, [1981?]; LARA, 1988).

O fenômeno da violência instrumentalizada como mecanismo de controle social é uma característica inerente a qualquer sistema escravista, mas que foi especialmente bem documentado em Campos, entre os séculos XVIII e XIX. O uso da força, ou sua ameaça permanente, a imposição do castigo físico “exemplar” e outras formas de violência física tinham o objetivo de impor a ordem senhorial e manter a vasta população escrava num estado permanente de temor e apatia. As fontes indicam ser disseminada socialmente a noção de que o medo do castigo era um fator “motivador” fundamental para administrar a mão de obra escrava (LARA, 1988). Assim, a ameaça e o uso da força se tornaram ferramentas essenciais, usadas para estabelecer a enorme distância de autoridade entre a classe senhorial e seus escravos. Essa distinção estamental entre dominantes e dominados irá persistir, influenciando as relações sociais muito após o término formal da escravidão (NEVES, [1981?]).

Outras formas de violência, no sentido mais amplo, que envolvem a manutenção de práticas análogas à escravidão foram mantidas mesmo após a abolição. O fenômeno da semi-servidão, ocorrido em diversas regiões escravistas do nordeste brasileiro ao sul dos EUA, consiste em abolir formalmente a ordem jurídica escravista,

mas mantendo praticamente inalteradas as condições sociais que fundamentam o domínio da classe senhorial. A principal dessas condições é o acesso à terra, que, no Brasil, foi severamente restrito pela Lei de Terras de 1850, que impedia a obtenção legal da terra, a não ser por compra. Desta forma, impedidos de se tornarem pequenos proprietários e lavradores independentes, os ex-escravos se viram reduzidos a empregados dependentes de seus antigos senhores. Na região de Campos, esse processo ocorreu com especial intensidade, em função da distância da Corte e da dificuldade de transporte, tendo a enorme quantidade de escravos na planície se tornado uma reserva permanente de mão de obra barata e abundante para a indústria açucareira (LAMEGO, 1945; NEVES, [1981?]; FARIA, 1986).

A utilização do trabalho infantil na lavoura de cana, além de ser uma prática que remete diretamente ao período escravista, acabou sendo um elemento de perpetuação do sistema. Gerou um círculo vicioso e perverso, ao afastar os jovens da escola e da possibilidade de qualificação profissional, que seria a chave para a colocação em outros postos no mercado de trabalho. Desse modo, mais de um século após a abolição formal da escravidão, ainda existia em Campos um numeroso segmento social incapaz de romper com o peso determinante do passado, condenado a funcionar como o estoque de mão de obra barata, à mercê do decadente setor açucareiro (NEVES, 2001). Pelos dados da tabela 1, é possível observar as frágeis condições de sobrevivência em que permanecia, até anos recentes, boa parte da população regional.

TABELA 1 - ÍNDICE DE INDIGÊNCIA⁽¹⁾ EM RELAÇÃO À POPULAÇÃO - 1970/2000

ANO	ÍNDICE (%)	
	Campos dos Goytacazes	Macaé
1970	31	18
1980	38	33
1991	52	32
2000	30	6,5

FONTE: FGV/CPS (2001 apud CRUZ, 2004)

(1) Percentual da população com renda *per capita* mensal inferior a R\$ 80,00, em valores do ano de 2000.

No seu apogeu, durante a primeira metade do século XX, as usinas estabelecidas no município faziam de Campos uma região de destaque no setor sucroalcooleiro, já que era responsável por quase 25% da produção nacional de álcool e 14% do açúcar, no período entre 1937 e 1939 (CARLI, 1942; LAMEGO, 1945).

Verifica-se, contudo, que, nos anos 1970, a região perdeu a posição de grande produtora, em decorrência, entre outros fatores, da criação, em 1975, do Programa Nacional do Álcool (Proálcool) – política adotada pelo governo brasileiro para fazer frente à brusca alta dos preços internacionais do petróleo, que abalou o mundo em 1973, no que ficou conhecido como “primeiro choque do petróleo”. Os produtores da região não acompanharam as mudanças tecnológicas modernizadoras que foram adotadas pelos principais empresários do setor no plano nacional, graças aos generosos financiamentos então concedidos pelo governo federal para que o parque industrial brasileiro fosse modernizado e reestruturado.

Nesse processo, ocorreu a passagem de boa parte das usinas do norte-fluminense para empresários externos à região, mais interessados na aquisição das “quotas de produção” dessas usinas do que em suas instalações industriais, a maioria já ultrapassada tecnologicamente. Isso se deu uma vez que, sendo o setor regulado pelo Estado nacional, a entrada de novos produtores era controlada, podendo cada usina produzir apenas dentro dos limites de sua quota estabelecida. Os empresários paulistas, interessados em ampliar sua própria produção, adquiriam quotas de outras empresas, fechavam-nas e levavam o “direito de produzir” para suas usinas. Assim, a região Norte-Fluminense, que, desde o século XVII, se posicionava como grande produtora de açúcar foi deslocada do cenário do setor, de forma gradual, mas inexorável.

Esse Norte-Fluminense histórico, tendo a cidade de Campos como principal polo, passou a apresentar problemas que iam desde a estagnação e a queda de produção de seu principal produto até um alto grau de desemprego, determinando um processo de pauperização, desenraizamento e deslocamento do trabalhador rural para as periferias das cidades da região. Pela tabela 1 é possível avaliar o quão profundo e duradouro foi esse processo, notadamente em Campos dos Goytacazes, segundo dados levantados por Cruz (2004), em pesquisa realizada no início dos anos 2000.

Segundo o Censo Demográfico de 1970, 31.591 pessoas da região declararam estar ocupadas no setor açucareiro (tabela 2). Note-se que, nessa época, a região possuía 486 mil habitantes. Mas se for considerada apenas a população ocupada regional, esse valor correspondia a 23% do total de ocupados⁴, participação próxima ao setor de comércio e serviços (26%).

TABELA 2 - PESSOAL OCUPADO NOS SETORES AÇUCAREIRO E PETROLÍFERO NO NORTE-FLUMINENSE SEGUNDO MICRORREGIÕES - 1970/2010

MICRORREGIÃO	1970 ⁽¹⁾	1980	1991	2000	2010
Setor Açucareiro					
Microrregião Campos	28.077	27.832	16.667	9.884	4.332
Microrregião Macaé	3.514	3.399	1.965	1.350	118
RNF	31.591	31.231	18.631	11.234	4.449
Percentual sobre ocupados na região	23	16	8	4	1
Percentual sobre o setor no ERJ	77	90	88	93	82
Setor Petrolífero					
Microrregião Campos	-	373	2.110	2.363	4.551
Microrregião Macaé	-	1.142	3.457	5.499	8.764
RNF	-	1.515	5.566	7.861	13.315
Percentual sobre ocupados na região	-	1	2	3	4
Percentual sobre o setor no ERJ	-	5	18	34	22

FONTE: Microdados dos Censos Demográficos do IBGE de 1970 a 2010

(1) Dados não significativos para o setor de petróleo em 1970.

É possível observar a predominância da microrregião de Campos na produção açucareira na região Norte-Fluminense, já que, dos 31,5 mil trabalhadores, cerca de 28 mil pertenciam a essa microrregião. Nessa época, segundo dados da Asflucan⁵,

⁴ O setor de comércio e serviços conjuntamente abarcava 26% dos ocupados, e a indústria de modo geral envolvia cerca de 16% dos ocupados. É claro que o setor agropecuário abrangia em seu conjunto muito mais trabalhadores – 44%, dos quais 23% no setor açucareiro. Os demais ocupados (cerca de 14%) estavam em outras atividades (educação, segurança, profissionais liberais etc.).

⁵ Trata-se da Associação dos Plantadores de Cana do Norte-Fluminense.

havia 24 usinas de açúcar operando no Estado do Rio de Janeiro, sendo 22 delas no Norte-Fluminense: 16, apenas no município de Campos; 4 em outros municípios de sua microrregião, e 2 na microrregião de Macaé.

Quanto à evolução (ver tabela 2), observa-se que a grande queda no número de empregados no setor açucareiro se deu nos anos 1980, uma vez que no início da década ainda havia mais de 30 mil trabalhadores no setor. Já em 1991 esse número caiu para 18,6 mil, e continuou a decrescer nas décadas seguintes, chegando, no último censo de 2010, com o registro de pouco mais de quatro mil trabalhadores. Essa redução teve um profundo impacto nas condições de urbanização das cidades da região, que experimentaram intensa migração do campo para a cidade.

É preciso notar que as mudanças que ocorrem também possuem relação com o contexto nacional, pois o Brasil atravessou profundas transformações econômicas, sociais e espaciais em todo o País, o que fomentou o aumento da urbanização, o êxodo rural, as mudanças na estrutura produtiva. Contudo, a produção da região no setor caminhou em sentido contrário à do País, que experimentou um significativo crescimento da produção entre as safras de 1983/84 e 2013/14, nos Estados de São Paulo, Goiás e Mato Grosso do Sul, assim como no total da produção, como se observa na tabela 3.

TABELA 3 - PRODUÇÃO DE CANA-DE-AÇÚCAR EM ESTADOS SELECIONADOS E NO BRASIL - SAFRAS 1983/1984 E 2013/2014

ESTADO/BRASIL	SAFRA (milhões t)	
	1983/1984	2013/2014
Goiás	0	62.000
Mato Grosso do Sul	0	42.000
Rio de Janeiro	6.000	2.000
São Paulo	50.500	368.000
Brasil	105.150	654.000

FONTES: Única, Alcopar, Biossul, Sindalcool, Sifaeg, Sindaaf e Sudes

Apenas para se ter uma ideia do quanto deixou de ser importante a produção açucareira local, basta indicar que, na safra de 2013/2014, segundo dados da Asflucan, enquanto o Norte-Fluminense produziu 2 milhões de toneladas, uma única usina, pertencente ao Grupo São Martinho, de São Paulo, produziu 10 milhões de toneladas e todo o grupo atingiu 19 milhões⁶.

A década de 1970 foi também marcante para a região, uma vez que a Petrobras – que desde a década de 1960 vinha desenvolvendo pesquisas na plataforma continental marítima – finalmente viu seu esforço coroado de êxito. No ano de 1974, o poço pioneiro 1-RJS-9A, situado a uma profundidade de 100 metros, veio a produzir em vazões comerciais na Bacia de Campos (CAETANO, 2003, p.52).

Segundo Caetano (2003, p.47), o procedimento de adotar para uma bacia o nome de uma cidade próxima ou acidente geográfico é internacionalmente seguido e regido pelo Código de Nomenclatura Estratigráfica, sendo a Bacia de Campos assim denominada em função de sua proximidade com a cidade de Campos dos Goytacazes. A área estratigráfica dessa bacia tem cerca de 100.000 km² e se estende do Espírito Santo

⁶ GRUPO SÃO MARTINHO. Disponível em: <<http://www.saomartinho.ind.br/>>. Acesso em: 07 ago. 2015.

até Cabo Frio, no litoral norte do Estado do Rio de Janeiro. Portanto, em plena crise mundial do petróleo, no auge do regime ditatorial brasileiro, a notícia da descoberta de petróleo na Bacia de Campos parecia anunciar um novo tempo para a região e, em especial, para a cidade, como retratado por um jornalista local:

A cidade vive momentos de alegria e os cinquenta mil trabalhadores rurais, desempregados pela entressafra do açúcar, espiam esperançosos a movimentação da cidade e colhem atentos, a maioria usando rádio, o noticiário sobre o petróleo. Todos trazem grandes esperanças e quatrocentos mil campistas esperam ansiosos os resultados da descoberta petrolífera (A NOTÍCIA – 01/12/1974, apud CRESPO, 2003, p.240).

O início da produção colocava na ordem do dia a montagem da base operacional da Petrobras na região, e todos, até então, esperavam que esta fosse implantada na cidade de Campos. No entanto, em 1978, a Petrobras, por questões logísticas, elegeu a cidade de Macaé, situada 100 km mais próxima da capital do estado, como sua base de atividades de prospecção e de produção. Inaugurou-se, então, um novo ciclo econômico regional, agora baseado direta e indiretamente nos recursos oriundos da exploração petrolífera, e a elite açucareira, que propugnava, em nome de seus interesses, as políticas econômicas para a região, assistiu ao declínio do próprio prestígio.

A escolha de Macaé como base das operações da exploração de petróleo na região implicou, para a cidade de Campos, anos mais tarde, uma perda relativa de sua importância regional, uma vez que, embora se mantendo como o principal polo de serviços, principalmente educacionais e médicos, viu declinar sua importância econômica, que se deslocou gradualmente para Macaé. Os dados da tabela 2 indicam que, em 1980, eram 1.515 trabalhadores atuando na região, sendo que, contrariamente ao ocorrido com o setor açucareiro, a predominância é na microrregião de Macaé, chegando a 2010 com 13,3 mil ocupados no setor, dos quais 66% em Macaé e 34% em Campos. Vale notar que, como demonstrado por Tavares e Tavares (2014), mesmo entre estes que residem em Campos e trabalham nesse setor, a maior parte desloca-se para trabalhar em Macaé.

Os ocupados no setor petrolífero na região Norte-Fluminense também tiveram um aumento significativo de participação em relação ao total de trabalhadores no setor no Estado do Rio de Janeiro, saindo de 5%, em 1980, para 34%, em 2000, embora tenha ocorrido uma diminuição em 2010, quando representaram 22% dos ocupados no estado.

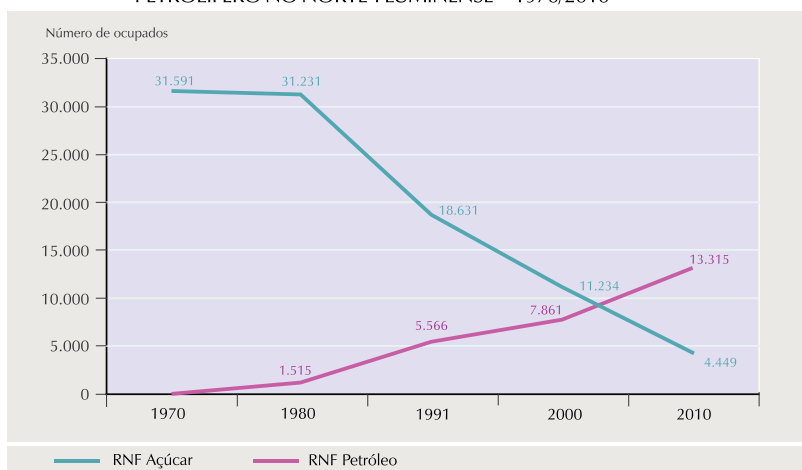
Simultaneamente aos problemas econômicos e sociais advindos do declínio do setor açucareiro, a produção petrolífera alavancou um processo de crescimento econômico, levando a mudanças intensas na dinâmica populacional, espacial e de localização das atividades produtivas, assim como nas rendas petrolíferas auferidas pelos municípios.

Essa coincidência histórica entre o declínio da hegemonia do açúcar e a chegada de um empreendimento de grande porte, como o da Petrobras, gerou, na população, uma expectativa difusa de que a mão de obra desempregada pelo setor açucareiro poderia, ou até mesmo “deveria”, ser absorvida pelas atividades petrolíferas.

Isso talvez seja o que justifique que, em 2000, ainda fossem comuns afirmações tais como: “a indústria do petróleo não absorveu a mão de obra expulsa do setor açucareiro e virou as costas para a região” ou, também, “a indústria do petróleo é enclave no Norte-Fluminense, uma vez que proporcionou poucos benefícios à região”.

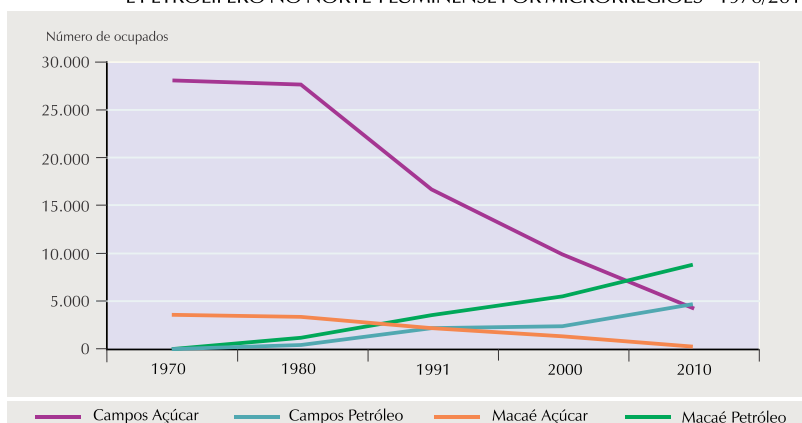
Por meio dos gráficos 1 e 2 é possível notar a inflexão que existe na participação da população entre os dois setores de atividades econômicas no decorrer do período analisado. Ao considerarmos o recorte total da região Norte-Fluminense, verifica-se que a inflexão ocorreu apenas nos anos 2000 (gráfico 1).

GRÁFICO 1 - EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE OCUPADOS NOS SETORES AÇUCAREIRO E PETROLÍFERO NO NORTE-FLUMINENSE - 1970/2010



FONTE: Microdados dos Censos Demográficos do IBGE de 1970 a 2010

GRÁFICO 2 - EVOLUÇÃO DA PARTICIPAÇÃO DE OCUPADOS NOS SETORES AÇUCAREIRO E PETROLÍFERO NO NORTE-FLUMINENSE POR MICRORREGIÕES - 1970/2010



FONTE: Microdados dos Censos Demográficos do IBGE de 1970 a 2010

No entanto, ao separar a evolução da participação dos ocupados nos referidos setores entre as microrregiões (ver gráfico 2), observa-se que, na região de Macaé, que possuía um volume mais reduzido de usinas e trabalhadores no setor do açúcar em relação à região de Campos, essa inflexão ocorreu na passagem dos anos 1980 para os anos 1990. Já na região de Campos, nem chegou a ocorrer uma inflexão. Na verdade, a quantidade de trabalhadores residentes na microrregião de Campos, nos dois setores, ficou equiparada apenas em 2010, portanto, bem recentemente, em torno de 4,3 mil e 4,5 mil trabalhadores, nos setores açucareiro e petrolífero, respectivamente.

Obviamente, ao se tratar sobre a dinâmica dos setores açucareiro e petrolífero, a partir da inserção da população no mercado de trabalho nesses setores, não há pretensão alguma em considerar um processo de substituição de um pelo outro, no que diz respeito aos indivíduos, como mencionavam as expectativas apontadas anteriormente na região. Ou seja, o fato de aumentar o número de trabalhadores em um setor e diminuir em outro não significa que tenha havido um deslocamento dos mesmos indivíduos de um setor para outro. Isso seria uma falácia. Afinal, são dois setores bastante distintos: um, enquadrado no setor agroindustrial tradicional da economia, bastante ligado às áreas rurais, e, outro, ligado à indústria globalizada e a serviços altamente complexos e especializados. A análise se faz no sentido de apreender as transformações econômicas regionais, certamente ligadas a mudanças nacionais e mesmo internacionais, e à consequente alteração que ocorre com a inserção da população no mercado de trabalho, população esta que também se transforma, simultaneamente, como se pretende verificar.

2 CARACTERIZAÇÃO DOS TRABALHADORES

2.1 TRABALHADORES NO SETOR AÇUCAREIRO NO INÍCIO DOS ANOS 1970

Uma vez que, no censo de 1970, havia pouquíssimos trabalhadores no setor petrolífero na região, para esse período foi considerada apenas a mão de obra vinculada ao setor açucareiro.

A fim de compreender as características dos trabalhadores no momento que marca o início do declínio do setor, foi verificada não só a localização desses trabalhadores nos municípios da região, mas também informações sobre sexo e escolaridade.

Conforme apresentado anteriormente na tabela 2, os trabalhadores do setor açucareiro correspondiam a 31.591 pessoas, perfazendo 23% do total de ocupados na região. Tanto na microrregião de Campos como na de Macaé, 96% desse contingente era constituído por homens (96% e 97%, respectivamente), sendo que mais de 85% (tabela 4) também residia em áreas rurais. Vale notar que a população total nessa época se dividia aproximadamente em 50% nas áreas rurais e urbanas. O aprofundamento da urbanização ocorreu na década seguinte, e nos anos 1980 cerca de 58% de pessoas já residiam nas cidades, sendo que em 1991 essa participação subiu para quase 80%.

TABELA 4 - SITUAÇÃO DE DOMICÍLIO DO PESSOAL OCUPADO NO SETOR AÇUCAREIRO NO NORTE-FLUMINENSE SEGUNDO MICRORREGIÕES - 1970

SITUAÇÃO DO DOMICÍLIO	MICRORREGIÃO DE CAMPOS		MICRORREGIÃO DE MACAÉ	
	Abs.	%	Abs.	%
Urbano	3.768	13	536	15
Rural	24.309	87	2.978	85
TOTAL	28.077	100	3.514	100

FONTE: Microdados do Censo Demográfico do IBGE de 1970

No começo dos anos 1970, o nível de escolaridade dos ocupados no setor açucareiro era bastante baixo, conforme consta na tabela 5. A maior parte dos trabalhadores, em ambas as microrregiões (mais de 50%), nunca havia frequentado escola. A outra parte apresentou concentração nas fases iniciais de ensino (47% e 44% para Campos e Macaé, respectivamente), equivalente ao nível primário ou elementar.

TABELA 5 - DISTRIBUIÇÃO DO PESSOAL OCUPADO NO SETOR AÇUCAREIRO NO NORTE-FLUMINENSE SEGUNDO O ÚLTIMO GRAU CONCLUÍDO COM APROVAÇÃO, POR MESORREGIÕES - 1970

ÚLTIMO GRAU DE ESCOLARIDADE	MICRORREGIÃO DE CAMPOS		MICRORREGIÃO DE MACAÉ	
	Abs. ⁽¹⁾	%	Abs.	%
Nunca frequentou escola	14.399	51	1.954	56
Primário/elementar	13.203	47	1.546	44
Ginásial/Médio 1º ciclo	377	1	11	0
Ginásial/Médio 2º ciclo	61	0	3	0
Superior	25	0	-	0
TOTAL ⁽¹⁾	28.065	100	3.514	100

FONTE: Microdados do Censo Demográfico do IBGE de 1970

(1) Excluídos os sem informação.

2.2 TRABALHADORES NOS SETORES AÇUCAREIRO E PETROLÍFERO EM 2010

De 1970 para 2010, portanto transcorridos 40 anos, o volume de trabalhadores no setor açucareiro diminuiu consideravelmente, como já visto. Esse fato se deu em meio à dinamização das atividades de petróleo e gás natural. Ao mesmo tempo, o processo de urbanização aprofundou-se, sobretudo na região de Macaé. Se forem considerados apenas esses municípios, que polarizam as respectivas microrregiões analisadas, observa-se que a população total de Campos, em 1970, era de 318,8 mil pessoas, das quais 176 mil estavam nas cidades (55%). Já em Macaé, no mesmo período, a população total era de 65,3 mil pessoas, das quais 40 mil residiam na área urbana (61%). Os municípios chegam a 2010 com uma população urbana elevada: 419 mil pessoas em Campos e 203 mil em Macaé, com um grau de urbanização de 90% e 98%, respectivamente. Nesse período, a taxa de crescimento da população urbana foi de 2,2% a.a. para o município de Campos e 4,2% a.a. para o município de Macaé. Isso mostra o intenso crescimento urbano de Macaé, que também afeta os municípios de sua microrregião e apresenta estreita relação com a dinâmica de inserção dos trabalhadores no setor petrolífero na região.

Como consta na tabela 6, a região Norte-Fluminense chegou ao final da primeira década do século XXI com apenas 4.450 pessoas ocupadas no setor açucareiro e 13.316 trabalhadores no petrolífero, residentes nesta região. Vale notar que, considerando apenas esses setores, o açucareiro diminuiu consideravelmente na

microrregião de Campos – se comparado a período anterior –, enquanto praticamente está extinto na região de Macaé. É possível notar ainda que, enquanto o setor açucareiro ainda possui trabalhadores que vivem em áreas rurais, o petrolífero abarca população residente predominantemente em áreas urbanas.

TABELA 6 - PESSOAL OCUPADO SEGUNDO SITUAÇÃO DO DOMICÍLIO NOS SETORES AÇUCAREIRO E PETROLÍFERO NO NORTE-FLUMINENSE POR MICRORREGIÕES - 2010

SITUAÇÃO DO DOMICÍLIO	MICRORREGIÃO DE CAMPOS				MICRORREGIÃO DE MACAÉ			
	Açucareiro		Petrolífero		Açucareiro		Petrolífero	
	Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%
Urbana	2.361	55	4.247	93	48	41	8.667	99
Rural	1.971	45	305	7	70	59	97	1
TOTAL	4.332	100	4.552	100	118	100	8.764	100

FONTE: Microdados do Censo Demográfico do IBGE de 2010

No que se refere ao perfil dessa população, por sexo, observa-se que, em ambos os setores e regiões, há predominância de homens (tabela 7). Em Campos, 87% dos trabalhadores no setor açucareiro e 92% no petrolífero são homens; já na microrregião de Macaé, há 95% e 80% de trabalhadores masculinos nos respectivos setores, o que revela um expressivo diferencial de gênero na inserção no mercado para homens e mulheres, tanto no setor açucareiro quanto no petrolífero.

TABELA 7 - PESSOAL OCUPADO SEGUNDO SEXO NOS SETORES AÇUCAREIRO E PETROLÍFERO NO NORTE-FLUMINENSE POR MICRORREGIÕES - 2010

SEXO	MICRORREGIÃO DE CAMPOS				MICRORREGIÃO DE MACAÉ			
	Açucareiro		Petrolífero		Açucareiro		Petrolífero	
	Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%
Homem	3.776	87	4.181	92	112	95	6.986	80
Mulher	556	13	371	8	6	5	1.778	20
TOTAL	4.332	100	4.552	100	118	100	8.764	100

FONTE: Microdados do Censo Demográfico do IBGE de 2010

Quanto ao índice de instrução (tabela 8), a diferença é bastante elevada e praticamente se inverte nos dois setores. No açucareiro, quase 80% é sem instrução ou possui apenas o nível fundamental incompleto. Já nas atividades petrolíferas, a participação de trabalhadores com nível de ensino médio completo e superior incompleto ou completo perfaz 81%. É interessante observar que, embora este setor apresente maior nível de escolarização, há diferenças entre as microrregiões. Entre os trabalhadores de Campos, 62% possuem ensino médio completo e superior incompleto, e, em Macaé, nesse nível, há 53%. Com superior completo, há 20% dos trabalhadores em Campos e 28% em Macaé.

TABELA 8 - PESSOAL OCUPADO SEGUNDO NÍVEL DE INSTRUÇÃO NOS SETORES AÇUCAREIRO E PETROLÍFERO NO NORTE-FLUMINENSE POR MICRORREGIÕES - 2010

NÍVEL DE INSTRUÇÃO	MICRORREGIÃO DE CAMPOS				MICRORREGIÃO DE MACAÉ			
	Açucareiro		Petrolífero		Açucareiro		Petrolífero	
	Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%
Sem instrução e fundamental inc.	3.401	79	357	8	92	78	841	10
Fundamental comp. e médio inc.	434	10	460	10	15	13	764	9
Médio comp. e superior inc.	432	10	2.823	62	11	9	4.621	53
Superior completo	54	1	891	20	-	0,0	2.467	28
TOTAL ⁽¹⁾	4.332	100	4.531	100	118	100	8.693	100

FONTE: Microdados dos Censos Demográficos do IBGE de 1970 a 2010

(1) Exclusive os sem informação.

As condições econômicas dos trabalhadores são muito distintas, sobretudo se for observada tal dimensão a partir da variável renda (tabela 9). No setor açucareiro, a maior parte possui até um salário mínimo de rendimento mensal em ambas as microrregiões. Já no petrolífero, a participação é bem mais elevada nas classes de maior rendimento, com 48% dos trabalhadores recebendo mais de quatro salários mínimos entre os residentes em Campos e 52% entre os que moram em Macaé.

TABELA 9 - PESSOAL OCUPADO SEGUNDO RENDIMENTO NO TRABALHO PRINCIPAL NOS SETORES AÇUCAREIRO E PETROLÍFERO NO NORTE-FLUMINENSE POR MICRORREGIÕES - 2010

RENDIMENTO NO TRABALHO PRINCIPAL EM SM	MICRORREGIÃO DE CAMPOS				MICRORREGIÃO DE MACAÉ			
	Açucareiro		Petrolífero		Açucareiro		Petrolífero	
	Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%
Sem rendimento	226	5	25	1	5	4	13	0
Até 1 SM	2.537	59	223	5	61	52	314	4
Mais de 1 até 2 SM	1.235	29	868	19	33	28	1.410	16
Mais de 2 até 3 SM	173	4	696	15	18	15	1.291	15
Mais de 3 até 4 SM	40	1	556	12	-	0	1.210	14
Mais de 4 SM	120	3	2.183	48	-	0	4.525	52
TOTAL ⁽¹⁾	4.332	100	4.552	100	118	100	8.764	100

FONTE: Microdados do Censo Demográfico do IBGE de 2010

NOTA: Sinal convencional utilizado:

- Corresponde a um percentual abaixo de 1%.

(1) Excluído os sem informação.

Considerando, portanto, o perfil dos trabalhadores nos setores analisados segundo as microrregiões do Norte-Fluminense, pode-se notar que, além da diferença enorme quanto a duas características socioeconômicas fundamentais e que influenciam muito a inserção dos indivíduos na sociedade, a escolaridade e a renda, há também diferenças no que se refere a local de moradia.

2.3 UMA AVALIAÇÃO DAS MUDANÇAS OCORRIDAS

Essa leitura do mercado de trabalho ajuda a compreender a trajetória da região de Campos, que, durante todo o século XX, atravessou períodos de pujança, miséria e renovação.

A riqueza do período açucareiro ainda hoje pode ser percebida pela presença de antigos casarões do início do século XX e a constante referência entre seus habitantes sobre o tradicional Teatro Municipal Trianon, as corridas no Jockey Club, indicando que esta cidade já foi palco de um intenso processo de acumulação. As casas miseráveis que até cerca de cinco anos atrás se aglomeravam de forma linear por quase 20 km de extensão, nas terras entre a antiga estrada de ferro e a rodovia, revelavam também que esta acumulação não reverteu para a melhoria das condições de vida da população trabalhadora.

De fato, a agroindústria canavieira sempre gozou de extrema proteção do Estado, mas esta se deu exclusivamente voltada para os interesses dos proprietários das usinas. Aos trabalhadores nada foi garantido. No entanto, foi quase sempre em seu nome, “para que não ocorra desemprego”; “para evitar o êxodo rural”, que,

nas épocas de crise do setor, os usineiros buscaram legitimar seus pleitos ao Estado. E este, de fato, nunca lhes faltou.

É bem verdade que houve mudanças de percurso: os donos de engenhos foram deslocados, ao longo da década de 1930, pelos novos empresários usineiros; estes, por sua vez, não souberam se modernizar na entrada dos anos 1970 e gradualmente tiveram suas usinas fechadas e suas quotas de produção incorporadas a usinas mais modernas, de fora da região. Esse processo se fez acompanhar não só por um grande passivo de dívidas trabalhistas por parte de usineiros e fazendeiros, como por enorme contingente de ex-trabalhadores vivendo em condições de extrema pobreza, em regime de desemprego e exclusão. Atualmente, as terras das antigas usinas estão sendo incorporadas ao circuito imobiliário urbano, sendo ocupadas por condomínios sofisticados, outros populares, e muitas delas permanecem aguardando valorização.

A década de 1990 marcou, de modo mais nítido, o distanciamento entre os dois municípios: enquanto em Campos ocorreu o esgotamento do ciclo de produção açucareira, sem um horizonte econômico definido, Macaé passou a se beneficiar dos investimentos do complexo petrolífero localizado em seu território.

É oportuno registrar alguns aspectos fundamentais quanto ao mercado de trabalho desses dois setores de atividades. Pelos dados apresentados, fica evidente que a mão de obra oriunda do complexo açucareiro não apresentava as qualificações exigidas pela demanda do setor petrolífero e, portanto, ficou sem acesso a ele.

É importante também ter presente que, nesse início da produção de petróleo em alto-mar, a exigência de mão de obra altamente qualificada levou ao recrutamento de profissionais em âmbito nacional e mesmo internacional. Desde então, o distanciamento entre Campos e Macaé, no que diz respeito ao número de postos de trabalho formal, vem se aprofundando, de acordo com os dados da tabela 10, a seguir.

TABELA 10 - NÚMERO DE POSTOS DE TRABALHO FORMAL E TAXA DE CRESCIMENTO NAS MICRORREGIÕES, ESTADO DO RIO DE JANEIRO E BRASIL - 2000/2013

ANO/PERÍODO	CAMPOS DOS GOYTACAZES	MACAÉ	ESTADO DO RIO DE JANEIRO	BRASIL
2000	47.734	37.975	2.718.138	26.228.629
2005	78.160	69.409	3.191.784	33.238.617
2010	87.380	115.775	4.080.082	44.068.355
2013	98.220	144.627	4.586.790	48.948.433
2000-2005	64%	83%	17%	27%
2005-2010	12%	67%	28%	33%
2010-2013	12%	25%	12%	11%

FONTE: Ministério do Trabalho e Emprego - RAIS (apud HASENCLEVER, TERRA, PIQUET, [2016?])

Cabe registrar que esse diferencial torna-se ainda maior quando se leva em consideração que a população de Campos, em 2010, era de quase 464.000 habitantes, enquanto a de Macaé era de aproximadamente 207.000 habitantes.

Outro indicador que pode lançar luz quanto ao desempenho atual desses municípios é a análise da estrutura da renda do trabalho, conforme se verifica na tabela a seguir.

TABELA 11 - ESTRUTURA DA RENDA DO TRABALHO EM MUNICÍPIOS SELECIONADOS DO NORTE-FLUMINENSE, ESTADO DO RIO DE JANEIRO E BRASIL - 2010

FAIXA SALARIAL	RENDIMENTO (Percentual Arredondado de Salários Mínimos)			
	Campos dos Goytacazes	Macaé	Estado do Rio de Janeiro	Brasil
Até 1 SM	3,1	2,0	3,3	5,8
Entre 1 e 3 SM	73,5	39,4	64,0	65,1
Entre 03 e 05 SM	12,2	17,0	14,1	14,4
Entre 05 e 10 SM	8,5	18,5	11,2	9,6
Entre 10 e 20 SM	2,1	12,8	5,1	3,7
Superior a 20 SM	0,5	10,2	2,4	1,4

FONTE: MTE-RAIS (apud HASENCLEVER; TERRA; PIQUET [2016])

Enquanto Campos tem 77% de sua população recebendo até 3 salários mínimos, esse valor, em Macaé, é de 41%. A situação se inverte quanto aos maiores salários: apenas 2,6% dos empregados formais, em Campos, encontram-se no patamar salarial acima de 10 salários mínimos, enquanto em Macaé esse patamar atinge 23%. Ainda que se argumente, conforme alguns autores o fazem, que esse efeito positivo não beneficia os demais municípios da região, os valores são significativos o suficiente para indicar a pujança que a indústria petrolífera proporciona ao município de Macaé, com repercussão nos demais.

Essa repercussão ocorre uma vez que os efeitos da indústria do petróleo não se limitam aos postos de trabalho abertos nas atividades de exploração, produção e transporte, já que proporcionam uma forte expansão, não só no setor de serviços mais diretamente ligados à produção (informática, formação e qualificação de mão de obra, pesquisas), como também aos que são decorrentes da demanda derivada dos elevados salários imperantes no setor, o que garante a presença de numerosos restaurantes, hotéis, escolas qualificadas, serviços de estética pessoal, *shoppings centers*. Esses efeitos não se limitam a Macaé, mas se estendem por municípios vizinhos e podem ser claramente percebidos, principalmente em Campos, pelo aumento da oferta de cursos nas mais diversas áreas de conhecimento, cursos de formação pós-graduada *stricto sensu* (mestrado e doutorado), bem como na ampliação da principal instituição federal de ensino tecnológico, que hoje tem unidades implantadas em praticamente todos os municípios do Norte e Noroeste-Fluminense.

Ainda sobre os efeitos positivos derivados da indústria do petróleo na região, não pode deixar de ser mencionado o pagamento de elevados tributos sob a forma de *royalties* e participações especiais, que tornam os orçamentos públicos de seus municípios os mais altos do País.

CONCLUSÕES

A região Norte-Fluminense de fato mudou ao longo dos 40 anos de que trata o texto. Ressurgiu das cinzas dos canaviais e das usinas para um perfil de região inserida no mercado nacional, apresenta uma forte participação no comércio exterior e tornou-se o esteio do crescimento de seu próprio estado. Se ainda apresenta indicadores abaixo da média nacional em relação à educação básica e outros, isso ocorre como resultado de uma herança nefasta ainda relativamente recente.

É extremamente difícil serem aquilatados os perigos a que se encontra exposta, por ser novamente dependente de um único setor, cuja dinâmica é determinada por fatores externos à região e ao País, como é o caso de petróleo. Devido ao caráter instável da indústria petrolífera, cujo funcionamento depende muito mais de fatores geopolíticos internacionais que econômicos, e cujos produtos apresentam extrema volatilidade de preços, torna-se temerária qualquer tentativa de prognóstico. O que se procurou demonstrar ao longo do texto é que, de fato, “a indústria do petróleo não absorveu a mão de obra expulsa do setor açucareiro, como alguns esperavam, mas não virou as costas para a região!”. A complexidade das desigualdades existentes remete a questões não apenas de ordem econômica, estrutura produtiva, trabalho e emprego, mas são também sociais, de planejamento e de gestão das cidades, em relação às oportunidades surgidas.

REFERÊNCIAS

- CAETANO FILHO, E. O papel da pesquisa nacional na exploração e exploração petrolífera da margem continental na Bacia de Campos. In: PIQUET, R. (Org.). **Petróleo, royalties e região**. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.
- CARLI, G. de. **A evolução do problema canavieiro fluminense**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1942.
- CRESPO, N. E Campos dos Goytacazes perde a corrida do petróleo. In: PIQUET, R. (Org.). **Petróleo, royalties e região**. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.
- CRUZ, J. L. V. Modernização produtiva, crescimento econômico e pobreza no Norte Fluminense. In: PESSANHA, R.; SILVA NETO, R. (Org.). **Economia e desenvolvimento no Norte Fluminense**. Campo dos Goytacazes, RJ: WTC Editora, 2004.
- CRUZ, J. L. V. Os desafios na região brasileira do petróleo. In: CRUZ, J. L. V. (Org.). **Brasil, o desafio da diversidade: experiência de desenvolvimento regional**. Rio de Janeiro: SENAC Nacional, 2006.
- FARIA, S. de C. **Terra e trabalho em Campos dos Goytacazes: 1850-1920**. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1986.
- FARIAS, T. P. Gênese da rede urbana no Norte e Noroestes Fluminenses. In: TOTTI, M. E. F. (Org). **Formação histórica e econômica do Norte Fluminense**. Rio de Janeiro: Garamond, 2003. p.69-97.
- FEYDIT, J. **Subsídios para a história dos Campos dos Goytacazes**. São João da Barra, RJ: Gráfica Luartson, 2004.
- HASENCLEVER, L., TERRA, E; PIQUET, R. **Distribuição territorial das ocupações geradas pelas atividades de petróleo e gás (P&G) e suas qualificações no Brasil no período entre 2003-2013**. [2016?].

- LAMEGO, A. R. **O homem e o brejo**. Rio de Janeiro: IBGE, 1945.
- LARA, S. H. **Campos da violência**: escravos e senhores na capitania do Rio de Janeiro: 1750-1808. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- LENHARO, A. **As tropas da moderação**: o abastecimento da Corte na formação política do Brasil. 2.ed. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro, 1992. (Biblioteca Carioca).
- NEVES, D. P. A pobreza como legado: o trabalho infantil no meio rural da sociedade brasileira. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, PR, v.6, n.2, p.149-173, 2001. Disponível em: <https://www.inesul.edu.br/site/documentos/revista_historia_regional43.pdf>. Acesso em: 08 mar. 2016.
- NEVES, D. P. **Baixada Campista**: memória social. Itaperuna, RJ: Damadá, [1981?].
- PIQUET, R. O Norte Fluminense em tempo presente. In: SANTOS, A. M. S. P.; MARAFON, G. J.; SANT'ANA, M. J. G. (Org.). **Rio de Janeiro**: um olhar socioespacial. Rio de Janeiro: Gramma Editora, 2010.
- PRADO JÚNIOR, C. **História econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- RODRIGUES, H. S. **Campos**: na taba dos Goytacazes. Niterói, RJ: Imprensa Oficial, 1988.
- SANT'ANNA, A. S. **O sucesso da crise na região de Campos**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (mimeo), 1984.
- SILVA, O. P. **500 anos dos Campos dos Goytacazes**. Campos dos Goytacazes, RJ: Fundação Cultural Jornalista Oswaldo Lima, 2004.
- TAVARES, E.; TAVARES, J. M. S. Organização territorial e movimentos pendulares no norte fluminense na década de 2000. **RBDP - Revista Brasileira de Planejamento e Desenvolvimento**, Curitiba, v.2, n.1, jan./jun. 2014, p.121-134. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rbpd/index>>. Acesso em: 08 mar. 2016.